O DISCURSO POLÍTICO-HUMORÍSTICO DO GÊNERO CHARGE

THE POLITICAL-HUMOROUS DISCOURSE OF GENDER CHARGE

Waldenia Klesia Maciel Vargas Sousa*

RESUMO: A charge, como gênero discursivo apresenta em sua constituição características relativamente estáveis (BAKHTIN, 2003). Esta pesquisa, em síntese, visa a avaliar como se dá a integração semiótica verbal e não-verbal como processos de construção dos sentidos de fundo humorístico, que conjuga o conhecimento de mundo às relações entre ditos e não-ditos, relações interdiscursivas e intertextuais de natureza polifônica. Para esse estudo selecionamos charges relacionadas à Crise Aérea Brasileira (2006-2007), veiculadas por diferentes mídias.

Palavras-chave: gênero do discurso, interdiscurso, intertextualidade, polifonia, efeito de sentido.

ABSTRACT: A charge, as genre shows in their formation characteristics relatively stable (BAKHTIN, 2003). This research, in short, aims to assess how the integration occurs semiotic verbal and non-verbal processes of the construction of humorous way of background, which combines knowledge of the world between themselves and non-such, relations intertextuality and interdiscursive of polyphonic nature. For this study selected charges related to Brazilian Air Crisis (2006-2007), published by various media.

Key-words: genre of discourse, interdiscursive, intertextuality, polyphony, effect of sense.

1 A ANÁLISE DO DISCURSO E O DISCURSO HUMORÍSTICO

Nas últimas décadas, os estudos sobre a linguagem têm despertado interesses de pesquisadores de diferentes áreas. Novas descobertas e perspectivas sobre diversos temas surgiram. O aparecimento de novas disciplinas, como a Análise do Discurso, na década de 60, inicialmente com os estudos de Michel Pêcheux, depois com a incorporação das pesquisas de Michel Foucault e Mikhail Bakhtin, foi decisivo para o redirecionamento dos estudos da linguagem. Mas ainda há muito que pesquisar, principalmente em relação ao discurso humorístico, pois este discurso é sério, nele são veiculados temas de fundamental importância para a sociedade.

* Graduada em Letras/Linguística pela Universidade Federal de Goiás em 2008. Atualmente empreende pesquisas na área da Análise do Discurso de linha francesa e participa do Grupo de Estudos Criarcontexto (Grupo de Estudos do Texto e do Discurso) e do Grupo Trama (Círculo Goiano de Análise do Discurso), ambos ligados à Universidade Federal de Goiás.

Nosso interesse reside nestes pontos: quais os mecanismos causadores do humor; quais discursos são recuperados/mobilizados durante o processo de enunciação; quais relações intertextuais, interdiscursivas e polifônicas são percebidas nos enunciados; quais os possíveis efeitos de sentido podem emanar dessas relações discursivas no gênero analisado.

De acordo com Possenti (1998), o texto humorístico não traz nada de novo no que diz respeito aos temas, pois todo dito é um já-dito, ou seja, o humor retoma discursos existentes. Por isso, o novo está na forma peculiar de tratar estes temas, está no acontecimento de sua volta (Foucault, 1996). Temas tabus como o racismo, o homossexualismo e a política, entre outros, não seriam possíveis, ou seriam tratados com muita cautela por outros discursos que não fosse o humorístico.

Os discursos são constituídos ao longo do tempo, em uma sociedade, ou seja, são determinados sócio-histórico-culturalmente. São valores constituídos ideologicamente e, através do discurso (aquilo que é efetivamente dito), são manifestos e disseminados. Resumindo: o discurso é efeito de sentido entre interlocutores, em uma dada situação histórica, conforme afirma Orlandi (2001).

Assim, o discurso humorístico,

> [...] como qualquer outro, traz as marcas sócio-históricas – as diversas manifestações culturais e ideológicas, valores arraigados que nele se manifestam e, por isso, ele não deve ser entendido apenas como um instrumento de diversão; o que nele está sendo dito não pode ser simplesmente ignorado. (FOLKIS, 2004, p. 01).

Cabe ressaltar que os tabus propostos ou impostos pela sociedade não recaem sobre o texto humorístico. Existe um contrato social que permite ao discurso humorístico tratar de variados e complexos temas, sem que o sujeito que se utiliza do humor seja julgado ou condenado, mas desde que isso seja feito de uma forma que leve ao riso.

Segundo Foucault (1996, p. 8-9), "não se tem o direito de dizer tudo, que não se pode falar de tudo em qualquer circunstância, que qualquer um, enfim, não pode falar de qualquer coisa", e continua dizendo que "a produção do discurso é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos que têm por função conjurar seus poderes e perigos, dominar seu acontecimento aleatório". Porém, mesmo com a existência desses mecanismos de controle, o sujeito, amparado pelo contrato social, pode emitir qualquer opinião ou ideia, tratando até mesmo de assuntos trágicos, como a Crise Aérea Brasileira.

2 O QUE ESTUDAR NO DISCURSO HUMORÍSTICO?

É necessário ressaltar que o humor provém da combinação de elementos linguísticos e extralinguísticos (POSSENTI, 2001), ou seja, o que é dito é a forma do discurso e os elementos que estão fora do que é linguístico, dentre os quais podemos

citar a história, a cultura e a sociedade, são igualmente determinantes para a forma de manifestação do discurso.

Em síntese: o humor provém do que se fala (tema e forma), como se fala (estilo), quem fala (locutor), para quem se fala (interlocutor), a situação em que se encontram os falantes (contexto) etc. Por agregar esses elementos, o discurso humorístico se constitui para nós como um excelente objeto de pesquisa.

Elegemos, para esta pesquisa, os pressupostos teóricos de Mikhail Bakhtin. Os estudos bakhtiniamos sobre a linguagem são baseados na interação verbal, de natureza dialógica[1] (BAKHTIN, 1995), ou seja, o outro (interlocutor) é imprescindível para a noção de discurso. O interlocutor é aquele quem irá perceber os ditos e não-ditos do discurso, estabelecendo para tanto relações interdiscursivas e intertextuais, ou seja, poderá acionar as diferentes vozes do discurso.

Outrossim, gostaríamos de ressaltar que "a palavra, como signo, é extraída pelo locutor de um estoque social de signos disponíveis, a própria realização deste signo social na enunciação concreta, é inteiramente determinada pelas relações sociais" (Bakhtin, 1995, p.113). Assim, a estrutura da enunciação é determinada pelo contexto social e pelo meio social e só se tornará risível, terá efeito de humor, à medida que a sociedade aceitar que determinado discurso é humor.

2.1 INTERDISCURSIVIDADE OU INTERTEXTUALIDADE?

Para procedermos às análises, necessitamos esclarecer alguns pontos sobre a intertextualidade e interdiscursividade. Primeiramente, é necessário não confundi-las, pois apesar de estarem relacionadas, uma não corresponde à outra.

O interdiscurso, em resumo, é a relação entre os discursos. Nessa perspectiva, não existe discurso puro/homogêneo, pois, não é possível separar os discursos em compartimentos e afirmar: este é discurso religioso, aquele é discurso político... Eles podem estar tão entrelaçados que não se sabe quando um começa e o outro termina. Mas neste trabalho, tentaremos, não classificar, mas constatar a presença desses discursos. A relação entre os discursos, essa trama, essa ordem arriscada do discurso, é que deve ser privilegiada nos estudos sobre a linguagem, pois, como afirma Bakhtin (1981), a natureza da linguagem é essencialmente polifônica, ou seja, é permeada por diversas vozes.

Contudo, é possível perceber e reconhecer alguns discursos nesse emaranhado de vozes. Os ditos são reconhecíveis e mostrados nos discursos. Esse é outro elemento que encontramos nos textos: a intertextualidade. Podemos definir esse mecanismo como a manifestação de outros textos. Essa manifestação pode ser detectada, desde que o analista tenha conhecimento prévio dos textos utilizados/inseridos pelo autor.

[1] Sobre natureza dialógica da linguagem, ver BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e Filosofia da Linguagem*, 1995.

A mobilização de outros textos pode ser explícita quando percebemos, nitidamente, a retomada de um texto anterior, como por exemplo as citações no corpo de um texto. Outro tipo de intertextualidade ocorre quando observamos indícios da retomada de um texto em outro. Para exemplificar citamos a paráfrase como ocorrência deste segundo tipo de intertextualidade. Porém, é necessário esclarecer que a retomada de um texto pode ser para reafirmá-lo ou para contradizê-lo. Perceberemos esses elementos ao analisarmos as charges selecionadas.

3 OS GÊNEROS DO DISCURSO: A CHARGE

Outro tópico importante dos estudos bakhtinianos é a noção de gênero discursivo, dos quais a charge, gênero selecionado como *corpus* desta pesquisa, faz parte. Gênero do Discurso corresponde, de acordo com Bakhtin (2003, p.262), a "tipos relativamente estáveis de enunciados".

Afirmamos que a charge é um gênero do discurso, pois apresenta em sua estrutura, certa estabilidade, com características que possuem uma função/objetivo, entre elas, destacamos: presença do elemento não-verbal, ironia, crítica a uma personagem ou fato político e humor. Além disso, o principal motivo pelo qual afirmamos que a charge é um dos gêneros discursivos é a função desse tipo relativamente estável.

Sobre a função, Bakhtin (2003, p.266) esclarece:

> Em cada campo existem e são empregados gêneros que correspondem às condições específicas de dado campo. Uma determinada função e determinadas condições de comunicação discursiva, específicas de cada campo, geram determinados gêneros, isto é, determinados tipos de enunciados estilísticos, temáticos e composicionais relativamente estáveis.

Baseados nesses argumentos, afirmamos que a charge possui duas funções comunicativas básicas: humor e crítica. O gênero chárgico, desde sua criação, tratou de temas relacionados à política e ainda hoje o faz, mas sempre com humor. De acordo com Possenti (1998), se existe um tipo de discurso tipicamente crítico, o é o discurso humorístico sobre política. Mas, por que o discurso humorístico sobre a política é crítico? Nas análises tentaremos responder a esta pergunta. Por ora, é necessário salientar que se tudo estivesse ocorrendo bem na política, não haveria o que criticar.

Para Saliba (2002, p.18), "o humor constitui uma forma de representação privilegiada da história das sociedades", por isso, a partir deste estudo, poderemos perceber os valores arraigados à sociedade e que são manifestos na materialidade dos textos, e até mesmo, a modificação destes valores ao longo do tempo.

Ainda, acreditamos que nosso estudo se justifica, entre outros, por um motivo: o discurso é opaco, não é claro, é heterogêneo e, assim como o sujeito, é incompleto. Um estudo jamais compreenderá todas as possibilidades de um objeto, por isso, há muito ainda por estudar em relação do discurso humorístico veiculado pela charge. Para tanto, tentaremos fazer algumas leituras possíveis para o *corpus* selecionado.

4 É PRECISO SABER O CONTEXTO

Entre as principais características do gênero chágico estão a sua "manifestação comunicativa condensada de múltiplas informações" e a "contemporaneidade" (ROMUALDO, 2000, p.01) relativa a fatos políticos aos quais faz referência, ou seja, além de veicular informações de forma resumida, sintética, a charge se refere a um fato temporalmente próximo. A segunda característica inviabiliza a interpretação de textos mais antigos, dos quais não se saiba o contexto histórico no qual foi possível surgir um enunciado.

Assim, é importante, antes de iniciar as análises, esclarecermos que as charges selecionadas são referentes à Crise Aérea Brasileira, que ocorreu em meados dos anos de 2006 e 2007. Então, devido à característica temporal, é importante fazer um rápido apanhado histórico do que foi caracterizado e denominado como *Crise Aérea*.

Este evento iniciou-se em 2006, após a queda de um avião de grande porte que se chocou com outro avião pequeno em pleno vôo. Todos os ocupantes do avião maior, quase 160 pessoas, morreram. A aeronave pequena pousou com os dois ocupantes, que não sofreram danos. A culpa pela tragédia recaiu tanto nos controladores de vôo que trabalhavam no dia do desastre, quanto nos pilotos, que operavam as aeronaves sem os equipamentos de segurança ligados.

Posteriormente, aconteceram grandes transtornos em aeroportos de todo Brasil, bem como acidentes de pequenas proporções com outros aviões. A mídia, principalmente a imprensa, explorou ao máximo essa tragédia e as consequências dela. O ato da queda tornou-se acontecimento, devido aos vários comentários tecidos sobre o assunto. Um desses acontecimentos é o aparecimento de vários textos chárgicos.

Em 2007, onze meses após a queda do primeiro avião, ocorreu outro acidente, que desta vez, matou quase 200 pessoas. O avião não conseguiu fazer a aterrissagem. Percorreu toda a pista de pouso do aeroporto de Congonhas, em São Paulo, atravessou uma avenida movimentada localizada próxima ao aeroporto e se chocou com um prédio que, ironicamente, pertencia à mesma companhia de aviação proprietária do avião e, então, explodiu. Além das pessoas que se encontravam no avião, também morreram pessoas que estavam no prédio trabalhando.

Durante meses tentou-se apurar as causas dos acidentes. As autoridades governamentais brasileiras chegaram a criar uma CPI (Comissão Parlamentar de Inquérito) para apurar os culpados pelos acidentes e mortes, para então puni-los. Entretanto, os fatos não foram totalmente resolvidos e ninguém, até agora, foi efetivamente condenado.

Após esta rápida contextualização histórica, iniciaremos as análises das charges, para observarmos o que foi efetivamente dito sobre o assunto.

5 ANALISANDO AS CHARGES

Ressaltamos que as charges analisadas estão em ordem cronológica de publicação, veiculadas por diferentes mídias: jornal impresso e *internet*.



Figura 1: ***Folha de São Paulo*****, 3 de abril de 2007.**

Sabemos que o discurso é a junção de elementos linguísticos e extralinguísticos e é a junção desses elementos que causará o efeito de humor pretendido pelo autor. O componente extralinguístico é o contexto sócio-histórico concomitante à publicação das charges.

O componente linguístico está na ordem da língua, do que foi dito. No caso desta charge temos o enunciado: "- Alô, torre? Alguém aí fala a minha língua?". O enunciado se torna risível pelas relações que estabelece, ou seja, pela intertextualidade e interdiscursividade que o constitui.

A intertextualidade neste texto ocorre ao relacionarmos esse enunciado à história bíblica da Torre de Babel. Podemos afirmar que este texto revela o segundo tipo de intertextualidade, e neste caso, a charge é uma paráfrase, outra leitura do texto primitivo, mas que ainda carrega os mesmos traços da história bíblica. O texto chárgico acima não refuta ou contradiz o discurso bíblico, mas apossa-se dele para reafirmá-lo.

E a interdiscursividade é evidenciada ao percebermos vozes do discurso religioso relacionadas ao discurso político-humorístico. O indício da relação interdiscursiva está evidente na utilização da palavra "torre". Esta palavra pode designar tanto a torre de Babel, insinuada pela imagem e pela retomada da história bíblica, ou então designar a torre de controladores de vôo, pois percebemos aviões sobrevoando o prédio e um piloto está tentando fazer contato. A alusão à torre e o contexto histórico deixam evidente a relação intertextual e interdiscursiva entre duas torres.

O componente não-verbal também nos faz acessar a memória discursiva, já que a figura é muito semelhante ao quadro desenhado por Pieter Bruegel, em 1563, que tem o título "A Torre de Babel". O conhecimento deste fato reforça ainda mais a relação interdiscursiva e intertextual que nós, interlocutores, podemos fazer.

Observamos que a imagem retrata o caos, que também é relatado na história bíblica de Gênesis, capítulo 11. A confusão de línguas que causou a paralisação da construção da torre, e sua posterior destruição, também causou os acidentes aéreos e a desorganização do sistema aéreo brasileiro.

Analisando as palavras empregadas para construir o enunciado que dá título à charge, percebemos o uso da ironia quando o autor utiliza a palavra "Sistema". Esta palavra designa algo organizado, sistematizado. É exatamente essa contradição entre o primeiro enunciado: "Sistema Aéreo Brasileiro", a imagem da torre em colapso e o outro enunciado: "Alô, torre? Alguém aí fala a minha língua?", que dão o efeito de humor crítico característico do gênero charge. O interlocutor irá rir da relação que o autor faz entre as duas torres e refletirá sobre o tema orientado pela crítica presente no texto.

Podemos dizer ainda que nesta charge estão formações discursivas diferentes, entre elas estão a formação discursiva religiosa e a formação discursiva político-humorística. As duas se complementam para produzir o efeito de sentido de humor crítico ao caos instaurado no sistema aéreo brasileiro, caracterizando a crise. Contudo, a formação discursiva predominante é a política, pois é esta quem se apropria da formação discursiva religiosa para transmitir uma ideia.

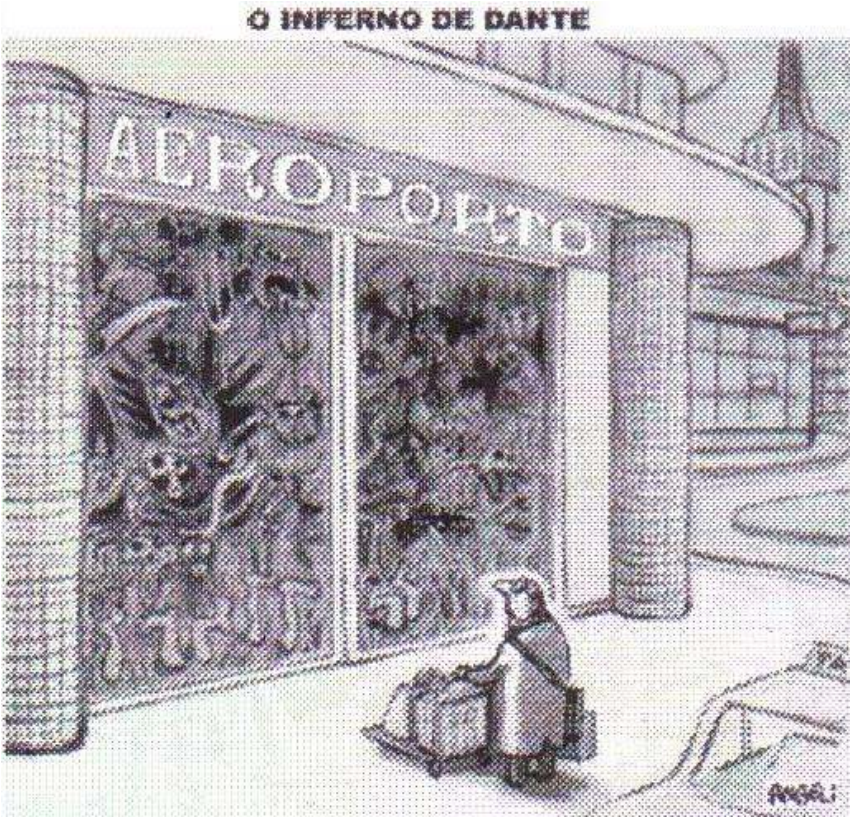

Figura 2: ***Folha de São Paulo*****, 5 de abril de 2007.**

A charge, como dito anteriormente, tem como uma de suas características a condensação de múltiplas informações. É o que percebemos neste texto. Os componentes verbais da charge são os enunciados: "O Inferno de Dante" (título da charge) e "aeroporto". Esses poucos enunciados, reunidos à imagem, remetem a outros ditos que fazem parte de nossa memória discursiva.

Iniciamos a análise com o enunciado "aeroporto", que aciona variados elementos que constituem o que chamamos de *frames*[2]. Já conhecemos a estrutura e os acontecimentos que ocorrem no dia a dia de um aeroporto de uma grande cidade como São Paulo: movimento, pessoas indo viajar etc. Porém, essa estrutura foi alterada pelos acontecimentos envolvendo os acidentes aéreos.

[2] *Frames* designam conhecimentos pertencentes ao censo comum sobre um conceito e seus componentes podem ser trazidos à memória sem uma ordem ou sequência.

O *frame* aeroporto é quebrado quando observamos a imagem. O elemento não-verbal mostra pessoas amontoadas, desorganizadas e, sobretudo, paralizadas. Nesse momento, é evidente que a imagem tem relações intertextuais com as reportagens jornalísticas da época, que mostraram o caos nos aeroportos e o sofrimento dos passageiros, os quais aguardavam várias horas pelo embarque.

Outra relação intertextual e, ao mesmo tempo interdiscursiva, é o título. A interdiscursividade está na relação com discurso literário, e a intertextualidade está presente na referência à obra *Divina Comédia*, de Dante Alighieri. Por isso, para entender a charge, o leitor precisa ter conhecimento do que trata essa obra. Nela, síntese, a personagem visita o céu e o inferno. No texto imagético, o autor evidencia que o aeroporto é o inferno e a vida das pessoas está sendo tratada como uma comédia.

A comparação do aeroporto ao inferno gera humor, pois o inferno é um lugar ruim, as pessoas não querem estar lá, pois isso vai contra a formação discursiva cristã, com a qual a sociedade brasileira se identifica. Daí explica-se a hesitação da personagem da charge ao se deparar com o aeroporto em completo caos.

À primeira vista percebemos apenas a relação entre o discurso literário e o discurso político. Mas ao observarmos o conteúdo do qual a obra literária *Divina Comédia* e a referência ao inferno (evidentes tanto no enunciado, quanto na imagem - ao encontrarmos figuras parecidas com a caricatura da morte, geralmente simbolizada por foice e caveira), afirmamos que outra formação discursiva foi mobilizada pelo autor: a religiosa.

Assim, afirmamos que na charge acima encontramos formações discursivas diferentes, entre elas estão a formação discursiva religiosa e a formação discursiva literária e a formação político-humorística. Elas se complementam para produzir o efeito de sentido de humor crítico ao caos instaurado no sistema aéreo brasileiro, principalmente nos aeroportos. Contudo, a formação discursiva predominante é a político-humorística, pois é esta quem se apropria das demais para transmitir uma ideia.

Como vemos, a materialidade do texto nos remete a valores de nossa sociedade, valores que constituem a Formação Ideológica, a inscrição ideológica dos sujeitos. Segundo Fernandes (2005, p.25) "a ideologia é imprescindível para a noção de discurso, não apenas imprescindível, é inerente ao discurso". E o texto é o lugar onde podemos perceber esses discursos, determinados pela ideologia.

E, é essa relação entre os discursos que nos permite perceber e refletir sobre o tema que trata a charge. Com isso fica evidente a crítica ao sistema aéreo, comparado desta vez não à Torre de Babel, mas ao inferno. Identificamos aí uma crítica mais explícita aos assuntos que envolvem a crise aérea.



Figura 3: www.chargesonline.com.br, 20 de agosto de 2007.

De acordo com a característica da contemporaneidade da charge, informamos que o texto acima foi publicado após a queda do segundo avião[3]. Para entendermos a charge devemos recapitular algumas das causas apontadas como causadoras do acidente, tais como: a pequena extensão da pista de pouso do aeroporto de Congonhas; a falta de uma área de escape no final da pista, para casos em que haja descontrole da aeronave.

[3] Sobre o contexto histórico, conferir item 4 deste artigo.

Nesta charge, o componente imagético mostra o piloto aterrissando numa pista pequena, porém ele está com medo de continuar o procedimento, devido aos acontecimentos anteriores. Mas a torre de controle de voo o tranquiliza dizendo que um "atoleiro" ao final da pista já foi construído. Entretanto, a expectativa do interlocutor é quebrada, pois ao final da pista encontramos a imagem do Congresso Nacional.

Esse tipo de comparação, em outro texto que não fosse o humorístico, poderia acarretar críticas e julgamentos, pois não é aceitável denominar o mais importante símbolo representativo do poder legislativo brasileiro de "atoleiro". Porém, lembramos que para o discurso humorístico isso é possível e, até mesmo, risível. Como dito anteriormente, existe um contrato social entre os interlocutores que permite ao discurso humorístico tratar de temas tabus na sociedade.

Neste caso é justamente a comparação entre o Congresso Nacional e o atoleiro que causa o efeito de humor. Mas essa comparação também remete a outros discursos cristalizados, tais como: "a política é suja", "na política há muita corrupção" etc. Esses discursos são repetidos e disseminados, por isso se constituem como verdades, pois há, de acordo com Foucault (1996) a vontade de verdade, que faz com algo seja dito, repetido, aceito, passando a constituir a ideologia coletiva e, perpetuando os discursos.

Neste texto percebemos o interdiscurso envolvendo dois discursos básicos: humorístico e político. A charge apresenta os discursos negativos sobre política, mas com o toque de humor vindo do censo comum, pois, de acordo com os valores ideológicos sociais, são geralmente os representantes da classe política os culpados pelas tragédias que acontecem no país e o cidadão é sempre a vítima. Esse é mais um valor ideológico cristalizado em nossa cultura, e que está mostrado no texto chárgico.

Afirmamos que esta é a charge mais agressiva e radical deste *corpus*, pois critica e culpa diretamente a alguém pelos acidentes e transtornos enfrentados pela população ao longo do ano de 2007. Neste caso, pela presença da imagem do Congresso Nacional, o autor culpa aos governantes brasileiros. A partir disso, deixamos uma proposta para próximas pesquisas: há diferença entre textos chárgicos publicados em jornais e revistas e entre aqueles publicados na *internet*?

A partir disso, deixamos uma proposta para próximas pesquisas: há diferença entre textos chárgicos publicados em jornais e revistas e entre aqueles publicados na *internet*?

Salientamos em tempo que a Análise do Discurso trabalha com o que está efetivamente dito e com os sentidos que podem surgir desses enunciados. Não trabalhamos com a intenção do autor, pois, depois de proferida, a palavra já não pertence mais a quem a disse, e sim ao interlocutor, que fará as correspondências possíveis para compreender o que está dito.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Chegamos ao final deste estudo com a convicção de que não esgotamos a reflexão sobre esse gênero. Ainda há muito que estudar. Nós apenas apontamos algumas possibilidades de análise. Outros estudiosos poderão fazer outras análises neste mesmo *corpus*, e, possivelmente, farão análises diferentes, pois estarão inseridos em outro contexto social e histórico, serão constituídos por outros discursos e outros valores.

Por isso, sabemos que não somos a origem de nosso dizer, não instauramos nada original. Nós apenas nos apropriamos dos discursos possíveis, selecionamos, e então, instauramos o novo. Esperamos que essas reflexões tenham atendido aos objetivos que propusemos ao empreender esta pesquisa.

A charge é um texto complexo, apesar de ser conciso, curto e temporalmente limitado. Ela veicula muitas informações que podem ser apreendidas ao observarmos as relações entre os discursos, entre aquilo que é dito.

De acordo com Romualdo (2000, p.197),

> A polifonia, a ambivalência e o humor do texto chárgico fazem com que ele afirme e negue, eleve e rebaixe ao mesmo tempo, obrigando o leitor a refletir sobre fatos e personagens do mundo político, uma vez que põe a nu aquilo que está oculto por trás deles. Assim, a charge se mostra como um poderoso instrumento de crítica, devendo ter lugar privilegiado nas instituições jornalísticas que defendem o discurso pluralista.

Entretanto, afirmamos que o gênero charge, pelas características que apresenta, não deve ter lugar privilegiado somente nas instituições jornalísticas, mas também nas instituições acadêmicas e escolares.

Enfim, com este estudo, nos aventuramos na ordem arriscada do discurso, entendendo que não somos os detentores do discurso. Nosso desejo é o mesmo de Foucault (1996, p. 5): "Ao invés de tomar a palavra, gostaria de ser envolvido por ela e levado bem além de todo começo possível".

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997. 476p.

_____ (VOLOCHINOV). *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. Trad. M. Lahud e Y. F. Vieira. 7. ed. São Paulo: Hucitec, 1995.

_____. *Problemas da poética de Dostoiévski*. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1981.

FERNANDES, Cleudemar Alves. *Análise do discurso*: reflexões introdutórias. Goiânia: Trilhas Urbanas, 2005.

FOLHA DE SÃO PAULO. Angeli. *Sistema aéreo brasileiro*. São Paulo: 03/04/2007.

_____. Angeli. *O Inferno de Dante*. São Paulo: 05/04/2007.

FOLKIS, Gesiane Monteiro Branco. *Análise do discurso humorístico*: as relações marido e mulher nas piadas de casamento. 2004. Tese (Doutorado em Lingüística) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP.

FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. Trad. Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Edições Loyola, 1996. 79p.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. *Desvendando os segredos do texto*. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2003.

ORLANDI, Eni Puccinelli. *Análise do discurso*: princípios e procedimentos. 3. ed. Campinas, SP: Pontos, 2001.

POSSENTI, Sírio. A forma no discurso. In: _____. *Discurso, estilo e subjetividade*. São Paulo: Martins Fontes, 2001. p. 153-182.

_____. *Os humores da língua*: análises lingüísticas de piadas. Campinas, SP: Mercado das Letras, 1998. 152 p.

RECHITA, Thiago. <http//www.chargesonline.com.br>. Acesso em: 20 ago. 2007.

ROMUALDO, Edson Carlos. *Charge jornalística*: intertextualidade e polifonia: um estudo de charges da Folha de S. Paulo. Maringá: Eduem, 2000. 205p.

SALIBA, Elias Thomé. *Raízes do riso*: a representação humorística na história brasileira da Belle Époque aos primeiros tempos do rádio. São Paulo: Companhia das Letras, 2002. 366p.